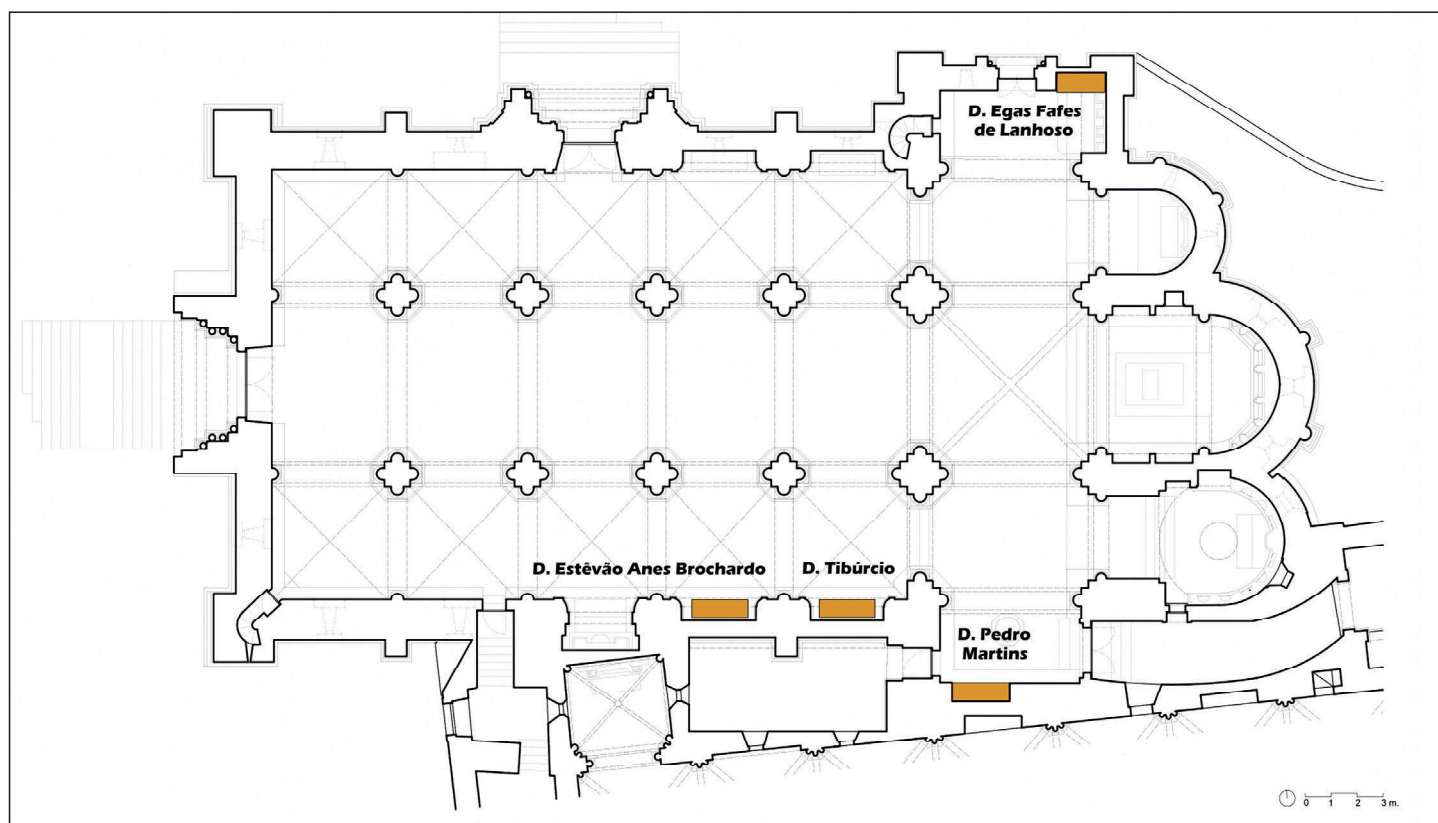


JACENTES DOS BISPOS

No interior da Sé Velha de Coimbra conserva-se um pequeno conjunto de sarcófagos medievais cuja tampa ostenta estátua jacente. Interessam, para esta obra, os quatro túmulos mais antigos, criados na segunda metade do século XIII ou nos inícios da centúria seguinte, todos ligados a prelados da diocese: D. Tibúrcio, D. Egas Fafes de Lanhoso, D. Pedro Martins e D. Estêvão Anes Brochardo. Os restantes túmulos presentes na Sé – como o arcaz de D. Vataça Lanscaris de Vintemiglia, dama de companhia da rainha D. Isabel de Aragão, criado por Mestre Pero em 1336, para o qual se conhece o recibo, assinado em janeiro de 1337 – não serão abordados por já serem plenamente góticos.

O jacente mais antigo é o de D. Tibúrcio, que governou a diocese entre 1234 e 1246. O prelado foi o primeiro bispo de Coimbra a receber sepultura no interior da Sé, distinção a que não é, certamente, estranho o seu papel na Crise de 1245-48, que conduziu D. Afonso III ao poder. Antes de chegar à cidade do Mondego, D. Tibúrcio fora Arquidiácono e Tesoureiro da Sé de Palência (Espanha), diocese que mantinha relações com os meios episcopais portugueses e de onde saíram vários delegados papais nomeados para dirimir questões da igreja portuguesa. Em maio de 1234 o papa Gregório IX nomeou-o bispo de Coimbra. O seu governo à frente da diocese prolongou-se até aos finais de 1246, mas os factos mais relevantes do seu episcopado relacionam-se com a Crise de 1245-48. Com efeito, D. Tibúrcio foi um dos quatro embaixadores que, em nome do reino, se dirigiram ao Concílio de Lyon, solicitando junto do Papa Inocêncio IV a deposição de D. Sancho II. A missão portuguesa era encabeçada por D. João Viegas de Portocarreiro, Arcebispo de Braga (1245-1255), e, para além dele e de D. Tibúrcio, incluía ainda D. Rui Gomes de Briteiros (que viria a ser Mordomo-Mor de Afonso III, em 1248) e D. Gomes Viegas. Sabemos que D. Tibúrcio partiu de Coimbra em maio de 1245, acompanhado pelo seu capelão, D. João Martins. O resultado desta diligência foi, como se sabe, a publicação da bula *Grande Non Immerito*, de Inocêncio IV, datada de 24 de julho de 1245, que declarou Sancho II *rex inutilis* e o destituiu. A 6 de setembro de 1245 D. Tibúrcio deveria ter estado ao lado de D. João Viegas de Portocarreiro no chamado *Juramento de Paris*, que o conde de Boulogne fez antes de regressar ao reino. Mas o prelado conimbricense já se encontrava doente e fez-se representar por D. João Martins. De regresso ao reino, viu-se impedido de entrar na cidade de Coimbra, cujo alcaide tomara voz por D. Sancho II. Optou por rumar ao castelo de Montemor-o-Velho, a mais

importante fortificação de que dispunha na área do seu bispado, onde os membros do seu Cabido estavam refugiados e onde veio a falecer a 22 de novembro de 1246. Aqui recebeu primeira sepultura. O túmulo que se preserva na Sé Velha de Coimbra corresponde, portanto, a um cenotáfio – um monumento destinado a uma deposição secundária –. A sua encomenda foi realizada por D. Afonso III, talvez um pouco depois de 1253. Com efeito, o lateral do arcaz apresenta uma decoração exclusivamente heráldica tendo, ao centro, o escudo real português. Apenas se compreende a presença das armas do reino se a encomenda do cenotáfio tiver resultado de uma iniciativa régia. E como o escudo real já apresenta a bordadura de castelos, deverá ser obra dos inícios da segunda metade de Duzentos. Com efeito, a maior parte dos autores admite que a bordadura de castelos foi introduzida nas armas reais portuguesas depois dos esponsórios de D. Afonso III com D. Beatriz, em 1253. Mas, recentemente, Miguel Metelo de Seixas defendeu que a bordadura de castelos seria antes uma *diferença*, introduzida pelo conde de Boulogne para distinguir o seu brasão das armas (plenas) de seu irmão, Sancho II, e, portanto, a sua utilização seria independente do segundo casamento de Afonso III. Se esta interpretação estiver correta, o brasão e a encomenda do cenotáfio podem ser um pouco mais recuados do que o ano de 1253. Quando se procedeu à trasladação do corpo de D. Tibúrcio para a Sé de Coimbra o cenotáfio foi colocado na absida da catedral, ao fundo, do lado do Evangelho, enquadrado por um arcossólio. Mais tarde, no tempo de D. Jorge de Almeida (1483-1543), esse arco seria preenchido com placa de gesso decorada com motivos mudéjares e, para que o volume da arca não perturbasse excessivamente o parco espaço disponível na capela-mor conimbricense, o monumento seria mutilado em toda a extensão, eliminando-se a metade voltada à parede (correspondente ao lado esquerdo da estátua jacente). Nos finais do século XIX, no âmbito do extenso processo de restauro da Sé Velha de Coimbra, o monumento foi colocado de novo à vista (a 14 de junho de 1893), tendo a placa de gesso sido destruída. Dela resta-nos um desenho de Teixeira de Carvalho, publicado por António de Vasconcelos. No ano seguinte, no dia 4 de agosto de 1894, o túmulo foi aberto, tendo-se encontrado os ossos do prelado desarticulados e desordenados, em deposição já por várias vezes perturbada. No interior do túmulo apareceram restos de duas solas em cortiça (uma inteira, outra partida), que revelam que o corpo fora depositado com vestes e calçado episcopais. Os seus restos mortais foram, então, depositados no interior de uma caixa de madeira de pereira. Em 1895 foi deslocado para o local onde hoje repousa, no quinto tramo da nave do lado da



Localização dos jacentes dos bispos na planta da Sé Velha

Epístola (isto é, no tramo da nave lateral sul imediatamente antes do transepto).

O cenotáfio de D. Tibúrcio inaugurou, em Portugal, a tipologia do jacente episcopal e da sua iconografia. A arca apresenta três laterais lisos e um quarto – aquele que ficava voltado ao público – ornamentado com uma decoração heráldica. Como já referimos, ao centro encontramos o escudo régio de D. Afonso III, com os cinco escudetes dispostos em cruz e uma bordadura de doze castelos. A ladear este escudo encontramos dois escudos com as armas de D. Tibúrcio: dois escudos carregado com faixas veiradas e contraveiradas, que constituíam as armas de família de D. Tibúrcio. No brasão do lado esquerdo ainda são perceptíveis vestígios de tinta azul clara, que preenchia o campo principal do escudo, sobre o qual se aplicaram as faixas de veiros. Os vestígios de policromia eram, no entanto, bastante mais extensos quando, em 14 de junho de 1893, o túmulo conheceu de novo a luz do dia. Teixeira de Carvalho registou que, retirada a placa de gesso mudéjar, apareceu o túmulo com jacente do bispo e que “removendo o pó com cuidado, pôde-se vêr que a estátua era pintada tanto nas vestes como no rosto, sendo ainda muito visíveis os vestígios de pintura vermelha nas roupas, e podendo observar-se os tons escuros que cobriam as barbas que descem em linhas sinuosas para a parte inferior do rosto e os cabelos que saem da

mitra, espalmados e cortados sobre a fronte”. Sublinhemos, ainda, a propósito da inclusão da heráldica de família neste moimento, que se trata do primeiro exemplo em que esta é utilizada, com semelhante extensão, na tumulária portuguesa, escassos anos volvidos sobre o triunfo da heráldica de família em Portugal, de que é exemplo pioneiro o *pan-tão* dos Sosas no Claustro do Silêncio de Alcobaça, criado cerca de 1242-1245.

A estátua jacente de D. Tibúrcio – da qual, como referimos, se preserva apenas cerca de metade –, apresenta o prelado deitado em *decubito supino* ou *dorsal*, com a cabeça apoiada sobre uma única almofada, modelada de forma rígida e artificial. O bispo apresenta os olhos fechados e barba curta e ondulada. Enverga traje episcopal de cerimónia, com a *alba* (que desce quase até aos pés), sobre a qual usa a *estola* (vendo-se as suas extremidades rematadas com franja). Por cima apresenta a *casula*, a capa de cerimónia. Os tecidos apresentam pregas em V, rígidas e paralelas. A estátua não esquece todos os atributos episcopais: a cabeça apresenta-se coberta com mitra; a mão direita, que repousa sobre a esquerda, cruzadas sobre o peito, ostenta o anel episcopal; o braço esquerdo ostentava o *manípulo* (do qual se preserva ainda parte, malgrado a mutilação que o túmulo sofreu); e os pés apresentam as *sandálias episcopais* (o calçado litúrgico, dotado de sola alta). Aos pés do jacente

foi representado um leão, de pose agressiva, mostrando os dentes, sobre cujo dorso se apoiam os pés do prelado. Infelizmente, o facto de o jacente ter sido mutilado em toda a sua extensão impede-nos de verificar se, apoiado sob o braço esquerdo, ostentava o *báculo*, como vemos noutros jacentes episcopais. No *Livro das Kalendas*, o obituário da Sé de Coimbra, no fólio das *IV Nonas Septembris* (correspondente a 2 de setembro), regista-se a comemoração de D. Tibúrcio esclarecendo-se: *Qui iacet prope altare maius honorifice sub archu lapideo*. A mesma volta a ser mencionada nas *X Kalendas Decembris* (22 de novembro), referindo-se: *Era M.^a CC.^a LXXX.^a IIII.^a Obiit domnus Tiburcius Colimbriensis episcopus ... qui iacet honorifice prope altare maius sub arcu lapideo quem construj fecit*.

Na sequência cronológica dos túmulos da Sé Velha de Coimbra, o segundo monumento com jacente é o de D. Egas Fafes de Lanhoso, que governou a diocese entre 1247 e 1267. A sua biografia foi traçada por Leontina Ventura. Filho de D. Fafes Godins de Lanhoso e de D. Sancha Geraldês (*Cabrom*), era natural da *Terra de Lanhoso*, solar de origem da sua linhagem. Foi cônego (1227) e arcediogo de Braga (1229-1242). Em maio de 1247 foi eleito bispo de Coimbra, confirmado pelo arcebispo de Braga, D. João Viegas de Portocarreiro em agosto do mesmo ano, mas só confirmado pelo papa Inocêncio III em 15 de dezembro de

1248. Seria, por fim, nomeado arcebispo de Santiago de Compostela a 18 de julho de 1267. Faleceu a 9 de março de 1268, ainda antes de ter tomado posse da sua nova arquidiocese, em Montpellier, quando regressava de Viterbo, onde visitara a corte papal e recebera a nomeação. Por sua vontade expressa, foi sepultado em Coimbra, a 17 de abril de 1268, no monumento que o próprio encomendara para ficar junto do altar de Santa Clara. O seu túmulo, com estátua jacente, ainda hoje ali se encontra, na parede norte do transepto, à esquerda do altar de Santa Clara, que o prelado mandara erguer quando introduziu o seu culto na diocese de Coimbra, escassos anos depois do papa Alexandre IV (1254-1261) ter canonizado a Santa de Assis, em 1255, dois anos depois da sua morte. A construção do altar de Santa Clara remonta a 1260 e é provável que a execução do túmulo tenha sido sensivelmente coeva da criação deste novo altar. Assim, e apesar dos respetivos óbitos estarem separados por vinte anos, o túmulo de D. Egas Fafes terá sido criado dez anos, se tanto, depois do monumento de D. Tibúrcio. É provável, por isso, que o autor do seu túmulo tenha sido o mesmo que criara, escassos anos antes, o de D. Tibúrcio. Na sequência dos jacentes portugueses, o moimento de D. Egas Fafes de Lanhoso é o segundo moimento destinado a um prelado. A estátua jacente apresenta evidentes pontos de contacto com o monumento de D.

Túmulo de D. Tibúrcio



Tibúrcio: o prelado apresenta cabeça mitrada apoiada sobre uma única almofada, olhos fechados e barba curta. Enverga os trajes episcopais (alba, estola, casula), mas agora, porque a estátua se preserva íntegra, é possível observar o manípulo (na altura apenas um, utilizado suspenso do braço esquerdo) e o báculo (estirado ao longo do corpo, colocado sob o braço esquerdo, rematado com crossa em voluta). Os seus pés, envergando *sandálias episcopais*, repousam sobre o dorso de dois animais híbridos, com bico de ave e garras de felino. O monumento, que como referimos foi encomendado pelo próprio D. Egas Fafes de Lanhoso, encontra-se embutido num arcosólio. O lateral da sua arca foi, infelizmente, picado, para receber revestimento azulejar hispano-árabe durante a reforma de D. Jorge de Almeida. Perderam-se, assim, os prováveis escudos de armas dos de Lanhoso que, à semelhança do moimento de D. Tibúrcio, deviam ornamentar o arcaz. Sobre o túmulo, embutido no arcosólio, esteve outrora um extenso epitáfio com uma primeira parte rimada, em hexâmetros leoninos, e uma segunda parte em prosa, encerrando os elementos cronológicos. No entanto, esta não era a inscrição original, criada cerca de 1268, mas sim uma cópia, executada já no século xv. A epígrafe permaneceu visível, nesse arco, até ao século xviii, sendo ainda publicada em 1725. Depois, lamentavelmente, foi removida e destruída. Durante os restauros de 1895 apareceram quatro fragmentos – três incluídos no alteamento do pavimento do transepto norte, um quarto bocado dentro do túmulo de D. Vataça Lanscaris de Vintemiglia. Foram recolhidos e hoje pertencem ao acervo do Museu Nacional Machado de Castro. Neles se lê:

RAPTUS AD ETH(er)EAS SEDES [caelique choreas] /
[i]NCOLA FA[ctus e]AS COLIT HIC TU[mulatus egeas] /
[c]LARUS HO[ne]STATE GENERIS Q[uoque nobilitate] /
[p]ONTIFICALE [d]ECUS NACTUS VIR [justus et adeptus] /
[hi]C EST ACC[EP]TUS CATHEDRAM [Pastoris Adeptus] /
[metropolitan]us tandem de p[raesule factus] /
[compostela]NUS FUIT AD TAMEN [ante coactus] /
[tempus adim]PLEVIT RESOLUTUS M[orte quievit] /
[in terram cessit] CORPUS SED AD ASTRA RECESS[it] /
[spiritus inde] QUIDEM DUPLEX LOCUS EXTAT [eidem] /
[era m ccc vi .] VII IDUS MARCII OBIT APUD MONTE / [pessulanum dn]US EGEAS FAFILE ARCHIEP[iscopu]s COMPOSTELANUS /
[quodam episcopus colimbr]IENSII CUIUS CORPUS [du]CTUM EST HONORIFICE A FAMI / [lia sua in civitatem] COLI(n)B[ri]EN(sem) et SEP(u)LT(UM) E(st) I(n) SEP(u)LC(r)O SUO FAB[ri]CATO IUX(ta) AL / [tare b. clarae x]V KALENDAS MAII DE EADEM ERA.

Esta inscrição comporta dois textos, correspondentes a duas épocas distintas: a parte rimada resulta da transcrição do epitáfio original, que se perdeu; o segundo texto,

em prosa, foi inspirado, de perto, pela notícia obituária do *Livro das Kalendas*. O nome de D. Egas Fafes de Lanhoso encontra-se referido em seis passagens distintas do *Livro das Kalendas*, o obituário da Sé de Coimbra, refletindo o prestígio que o prelado granjeou junto do seu cabido. No fólio relativo às XVI *Kalendas Maii* (16 de abril), data em que se comemorava a trasladação do seu corpo para o monumento que encomendara, copia-se parte do seu extenso testamento, registando-se, a finalizar, *Qui iacet honorifice intus in capella sancte Clare quam construi fecit in proprio monumento sculpto imagine episcopali*.

O terceiro monumento com jacente que se conserva na Sé Velha de Coimbra é o túmulo do bispo D. Pedro Martins, que governou a diocese entre 9 de abril de 1297 e 1301, tendo falecido neste ano, a 3 de novembro. No curto tempo que durou o seu episcopado conimbricense, D. Pedro Martins mandou abrir a capela de São Geraldo, implantada no braço sul do transepto da Sé, numa posição simétrica à da capela de Santa Clara, que D. Egas Fafes mandara erguer em 1260. D. Pedro Martins foi, de resto, o responsável pela introdução da festa de São Geraldo na Sé de Coimbra, comemorada no dia 13 de outubro. Da biografia de D. Pedro Martins ressalta o facto de ter sido Físico do Rei, em 1276, e Chanceler-Mor de D. Dinis entre 1279 e 1281, de quem era, de resto, irmão colação. Na carreira eclesiástica, e antes de chegar a Coimbra, D. Pedro Martins foi bispo de Évora entre 1289 e 1297. À semelhança de seu antecessor, D. Egas Fafes de Lanhoso, o bispo D. Pedro Martins mandou colocar o seu túmulo junto da capela que instituíra – ... *in qua capella domnus Petrus Colimbriensis episcopus est sepultus* –. O seu túmulo está, assim, no braço sul de transepto da Sé Velha. O seu moimento é de qualidade bastante mais modesta que os de D. Tibúrcio e D. Egas Fafes: a estátua jacente liberta-se muito pouco da tampa, a face é pouco mais do que esboçada e as vestes apresentam pregueado rígido e pouco natural. O seu óbito, a 2 de novembro de 1301, é recordado no *Livro das Kalendas* em cinco momentos distintos, exarando-se, no fólio relativo ao dia 2 de novembro, um longo extrato do seu testamento, relativo às partes em que o prelado beneficiou a Sé de Coimbra e o Cabido. Mas o seu texto integral encontra-se publicado nos *Testamenti Ecclesiae Portugaliae*. Em todas as comemorações assinaladas no obituário de Coimbra o cabido devia ir *super sepulcrum dicti domni episcopi ad capellam sancti Geraldi*.

Resta-nos abordar o quarto túmulo com jacente dos bispos de Coimbra: o monumento de D. Estêvão Anes Brochardo (1304-1318). Trata-se do mais tardio moimento, e aquele que tem características mais vincadamente góticas. Mas, porque completa um ciclo da escultura



*Túmulo de D. Egas Fafes de Lanboso,
no braço norte do transepto*

funerária de Coimbra, julgamos que merece ser aqui referido. D. Estêvão Anes Brochardo foi nomeado para a diocese de Coimbra em 8 de março de 1304, sucedendo a D. Fernando (1302-1304). Faleceu a 9 de setembro de 1318, como nos revela o *Livro das Kalendas*, e foi sepultado

na capela-mor da Sé de Coimbra, no lado da Epístola, em monumento encomendado pelo próprio, que se apresentava enquadrado por um arcossólio. A partir de então, a abside conimbricense abrigava dois jacentes – o de D. Tibúrcio e este –. No *Livro das Kalendas* encontramos referências

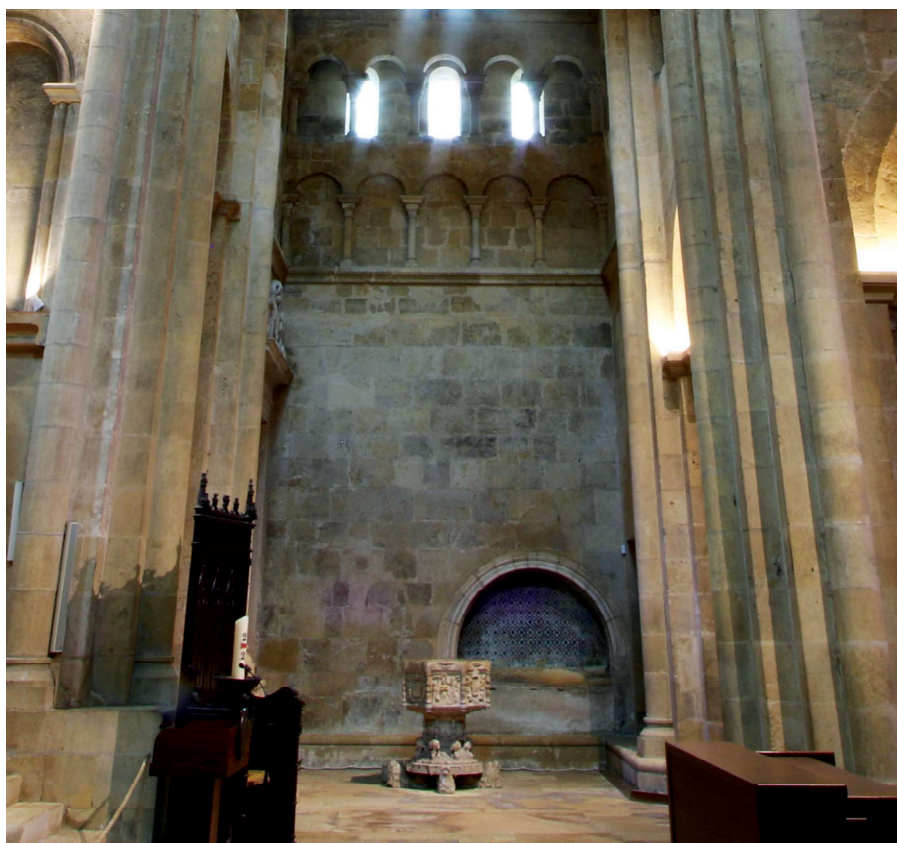


Jacente de D. Egas Fafes de Lanhoso

ao moimento de D. Estêvão Anes Brochardo. No fólho dos *VI Idus Iunii* (8 de junho) a propósito da comemoração de D. Vicente Afonses, arcediogo de Seia e neto de D. Estêvão Anes Brochardo, que habitava, de resto, nas casas que tinham pertencido ao prelado em Almedina (*domus quae dictus dominus episcopus habebat in civitate Colimbriensi in Almidina quae vulgariter vocantur da Cancellaria*), diz-se ... *quidem episcopus iacet in ecclesia Colimbriensi iuxta altare maius in pariete ex parte sinistra in monumento elevato et sculto*. No fólho dos *V Idus Septembris* (9 de setembro), no aniversário do óbito do prelado, confirma-se a localização: *qui iacet in arcu circa altare maiore manus sinistra quando sacerdos dicit missam*. A aparente contradição entre as notícias do *Livro das Kalendas* e a localização do monumento de D. Estêvão Anes Brochardo foi objeto de detida análise por parte de António de Vasconcelos, parecendo certo que D. Tibúrcio repousava no lado do Evangelho e D. Estêvão do lado da Epístola.

Em 1895, no âmbito do processo de restauro da Sé Velha de Coimbra, o seu monumento foi removido da capela-mor e deslocado para a nave lateral sul, onde ocupa agora o quarto tramo, imediatamente antes do túmulo de D. Tibúrcio. Do monumento de D. Estêvão Anes Brochardo apenas nos resta a tampa, com estátua jacente, uma vez que a arca, composta por várias pedras, foi criada nos finais do século XIX. Tal como o túmulo de D. Tibúrcio, o moimento de D. Estêvão Anes Brochardo foi aberto no dia 4 de agosto de 1894. Mas, ao contrário de D. Tibúrcio, cujos restos ósseos se apresentavam muito perturbados, o

monumento de D. Estêvão Anes Brochardo revelou que nunca tinha sido aberto. No seu interior repousava o corpo do prelado, colocado em *decúbito supino* ou *dorsal*, com os braços cruzados sobre o tronco, tal como se representou no jacente. O corpo revelou que o prelado tinha sido submetido a um processo de embalsamamento, retirando-se os órgãos e preenchendo-se o espaço do tórax e abdómen com caroços de pêssago. No interior do túmulo estava o báculo episcopal, com haste de madeira (que se desfazia ao toque) e crosse com nó e voluta em marfim. No fundo da arca encontrou-se um nível de sedimentos terrosos, com cerca de 9 cm de altura, nos quais se identificaram e recolheram vários fragmentos de tecido de seda, procedentes das vestes episcopais, e de tecido e missangas, que pertenciam à mitra. Os fragmentos recolhidos foram objeto de análises pelo químico francês Charles Lepierre, docente da Universidade de Coimbra. Apesar de estas análises químicas terem sido destrutivas, conhece-se o aspeto de alguns fragmentos desses tecidos por gravura que António de Vasconcelos nos legou. Foi possível identificar "um pedaço da parte posterior da mitra, de tecido de seda, guarnecida de galões de fio de prata dourada e seda, tendo alguns bordados de retroz e missangas, umas de ouro, outras de vidro azul", "um pedaço de borla de retroz vermelho", "um fragmento de casula de seda, tecida em pequenos losangos e castelos de côr escura" e vários fragmentos de galão de seda com fio de prata dourada. A mitra era de seda branca, com tecido em losangos, debruada por galão, que



Braço sul do transepto, com o túmulo de D. Pedro Martins



Jacente do bispo D. Pedro Martins



Túmulo de D. Estêvão Anes Brochardo



Pormenor do jacente de D. Estêvão Anes Brochardo

contornava a sua orla inferior. A sua superfície era dividida a meio por outro galão, vertical. Na ligação entre os dois, na parte de trás, pendiam duas tiras de tecido. No encontro dos dois galões fora incluído um pequeno retângulo de tecido azul com dois peixes bordados a fio vermelho.

À esquerda deste retângulo via-se um leão bordado com missangas azúis; à direita um outro animal, eventualmente um touro, bordado com missangas douradas. Os dois sugeriram a António de Vasconcelos que o galão inferior da mitra ostentasse o *Tetramorfo*. O tecido da casula de D.

Estêvão Anes Brochardo, também de seda, apresentava losangos dentro dos quais se bordaram castelos, com fio de cor escura. As análises de Charles Lepierre confirmaram que todos os tecidos eram de seda e os galões de seda com fio de prata dourada. Foi ainda possível determinar que a borla fora tingida com cochonilha e que as missangas douradas incorporavam vidro, ouro e cobre enquanto as azúis apresentavam apenas vidro e cobre. Com a trasladação para a nave da Sé Velha de Coimbra, os seus restos mortais foram colocados dentro de uma caixa de madeira de faia.

A estátua jacente de D. Estêvão Anes Brochardo apresenta o bispo com as usuais insígnias episcopais. A cabeça repousa sobre almofada e ostenta mitra. António de Vasconcelos adverte que a sua face foi “corrigida” no outono de 1895, insurgindo-se contra esta intervenção. O prelado apresenta as mãos cruzadas sobre o peito, ostentando o anel episcopal na mão direita. A seu lado, estirado e colocado sob o braço, foi representado o báculo, com crossa enrolada em voluta. As vestes episcopais, que compreendem alva, estola e casula, beneficiam de um tratamento de pregas um pouco mais evoluído. Do seu braço esquerdo pende o manipulo. Os pés do bispo, com as *sandálias episcopais*, repousam sobre o dorso de um dragão, figura muito interessante, porque singular, no quadro dos jacentes

portugueses. O animal fantástico é ferido pelo báculo episcopal – alegoria ao triunfo da Igreja e dos seus ministros sobre o Mal e os domínios do Inferno.

Os quatro jacentes da Sé Velha de Coimbra ajudam, assim, a definir o modelo do jacente episcopal da idade média portuguesa.

Texto: MJB - Fotos: JNG - Plano: GM/MF/MS/JNG
(sobre HA/MT/SIPA-DGPC)

Bibliografia

- ALMEIDA, C.A.F. e BARROCA, M.J., 2002, pp. 219-220, BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 367 (de 1268, março, 9); CARVALHO, T., 1925, pp. 33-42; CORREIA, V., 1924b, pp. 61-62; CORREIA, V. e GONÇALVES A.N., 1947, pp. 15-16; DIAS, P., 1986, pp. 114-115; GOULÃO, M.J., 2009, p. 49; GUSMÃO, R., 1855, pp. 31-32; LEPIERRE, Ch., 1895, pp. 17-22; LKAL, I, pp. 78, 95, 137-138, 150, 198-204, 286-287; II, pp. 84, 89, 126-127, 139-140, 199-204, 233-237, 265, 294-95 e 304-305; MACEDO, F.P., 1995, I, pp. 436-437; SANTOS, R., s/d, I, p. 252; SANTOS, R., 1948-50, I, p. 19; SILVA, J.C.V. e RAMÔA, J.R., 2009, pp. 97-102; SIMÕES, A.F., 1888, p. 221; SOUSA, J.M.C., 1946, p. 8; TEST. ECC. PORT., doc. n.º 2.28 (de 1268, março, 8), doc. n.º 2.41 (de 1301, junho, 20), doc. n.º 2.48 (de 1318, junho, 17); VASCONCELOS, A.G.R., 1895, pp. 6-23, 68-81, 257-270 e 684-689; VASCONCELOS, A.G.R., 1931-35, I, pp. 151-158, 476-477; VENTURA, L., 1992, II, pp. 750-755; VENTURA, L., 2009, pp. 83-86.